



Nome completo: _____ Nº _____ Ano: 2º Ano/EM Turma: ____
Disciplina: Produção de Texto Professoras Rosana e Deise Data: ____ / ____ / 2021
Ass. dos Pais ou Responsáveis: _____

ANÁLISE DE TEXTO

INSTRUÇÕES GERAIS

- Respostas à caneta azul ou preta nos espaços apropriados.
- **Não será permitido** o uso de corretivo e qualquer empréstimo de material.
- **Respostas ilegíveis e questões rasuradas não serão consideradas, anulam a questão.**
- Erros de língua portuguesa poderão comprometer sua avaliação.
- Utilize o verso como rascunho.
- Utilização de outros materiais ou estratégias somente serão autorizados pelo professor da disciplina através de instruções específicas.

Leia o texto que segue.

Todos e todas

Por Carlos Ramalhete - 08/11/2018 00:01

Dentre todas as besteiras que o politicamente correto fez virar moda, uma das que mais me agastam, pessoalmente, é a mania de referir-se às pessoas consecutivamente no feminino e no masculino (“todas e todos”, “amigas e amigos” etc.), com a desculpa esfarrapadíssima e ignorante de que usar apenas um gênero, como manda o bom português, seria de alguma forma machista. Trata-se de uma besteira rematada em tantos níveis diferentes que chega a cansar apenas a ideia de tentar explicar todos. Como, contudo, este é um problema que se espalha cada vez mais, massacrando a beleza de nossa língua e espalhando um feíssimo vício de linguagem, disponho-me a explicar [...] algumas das razões pelas quais se deve fugir ao máximo da tentação politicamente correta de cometer este erro de português.

Só para começar, vejamos como funciona isso de gêneros em nossa língua. “Gêneros” são as categorias em que dividimos palavras a partir de contrastes como o masculino, o feminino e o neutro. (Aliás, outra besteira muito grande da moda é isso de achar que gêneros seriam o mesmo que sexos, e, mais ainda, que eles seriam como que um degradê infinito; ora, bolas, gêneros são justamente as categorias que existem em função de contrastes! Nem como analogia a palavra serve para o que o povo da “lacrção” quer fazer com a coitadinha.)

O português é, histórica e gramaticalmente, um latim errado, um latim de cozinha que foi aos poucos se afastando do original. Em latim, como em inglês, temos os três gêneros citados acima. Em português, o neutro e o masculino se misturam. Isto ocorreu porque, na passagem do latim à nossa língua atual, tomamos como modelo para a terminação das palavras masculinas formas em que não havia diferenciação entre o masculino e o neutro. Em latim, o masculino é no

mais das vezes terminado em “us”, e o neutro em “um”. Tanto um quanto o outro, entretanto, terminam em “o” quando estão no caso dativo, usado para objetos indiretos, e em “os” quando estão no acusativo, usado para objetos diretos. Assim, nestes casos, neutro e masculino são exatamente iguais. E foram estas as formas que guardamos do latim, jogando fora todas as que marcam esta diferença. Seria até interessante fazer (outro!) excursão sobre como a cultura lusa privilegia as ações feitas sem sujeito definido, ao ponto de usar para o sujeito o que em latim se usa para o objeto, mas não seria este o momento.

O fato é que nós, na prática, confundimos neutro e masculino, o que dá alguma oportunidade para confusão. Afinal, o neutro é o que se usa quando se trata de palavras (ou pessoas) de ambos os gêneros de uma vez só. “As cadeiras” é feminino, assim como “as moças”. “Os bancos”, do mesmo modo, é masculino, assim como “os rapazes”. Quando, contudo, vamos juntá-los ambos, masculinos e femininos, em uma palavra só, usamos o neutro: “eles” inclui bancos e cadeiras, ou rapazes e moças. “Eles”, neste caso, não é masculino; é neutro. Assim, quando dizemos “bem vindos, queridos amigos” a um grupo misto de pessoas, estamos usando termos desprovidos de gênero masculino ou feminino, por serem neutros. “Bem vindos e bem vindas, queridos e queridas amigos e amigas”, como já vi usarem [...], é mais que uma reiteração: é um erro. Isso porque o “bem vindas” já está incluído no “bem vindos”, que, neste caso, é neutro. [...]

Outro problema dessa triste mania de massacrar o vernáculo em benefício de uma suposta correção política é a negação de um merecido privilégio feminino. Afinal, é belo que na nossa língua tenhamos de um lado o masculino confundido com o neutro e, do outro, o feminino puro, imaculado como a beleza de uma donzela de 16 anos. Se temos 400 mulheres, usamos o feminino. Se temos 399 mulheres e um homem, o caldo já estragou. Não temos mais a beleza de um conjunto puramente feminino. Neste caso usamos o neutro (que, repito, confunde-se com o masculino, apesar de não o ser). Ora, as mulheres merecem que seu conjunto seja proclamado como único, merecem ter para si o privilégio que falta aos homens de terem uma forma gramatical exclusivamente delas. Nenhum homem chega aos pés de uma mulher; nenhum homem poderia tomar o lugar de uma mulher e fazer por merecer o uso do feminino, que é só delas.

Outro problema, ainda, desta triste mania é a confusão entre o que é gramatical e o que é da realidade dos fatos. Gêneros são categorias gramaticais, que podem ou não exprimir fatos do mundo real. Nem tudo tem sexo, mas toda palavra tem gênero. Não há nenhuma razão racional, por exemplo, para que uma faca – um objeto perfeitamente assexuado, a não ser para os freudianos mais radicais – seja “feminina” (ou seja, para que se use o gênero feminino para tratar de facas) e um garfo seja “masculino” (ou seja, que se use o gênero masculino para tratar dele). Em francês, por exemplo, usa-se o contrário, “o faca” e “a garfo”. Em outras línguas, por vezes o mar é feminino (o que faz enorme sentido) e a lua, masculina [...].

Afinal, um conjunto de pessoas de ambos os sexos não é mais um conjunto de mulheres ou um conjunto de homens: é outra coisa. Não se pode falar a um conjunto de pessoas de ambos os sexos do mesmo modo como nos dirigiríamos a um conjunto composto exclusivamente por gente de um ou de outro sexo. De uma certa forma, ao não haver mais um sexo único em todos os elementos do conjunto, acaba-se por não ter sexo algum ali. E é isso que expressamos ao usar o neutro.

[...]

Dizer “bem vindas e bem vindos” é separar homens e mulheres [...]. É negar que as pessoas estejam juntas, é separar as famílias, é traçar uma linha mental com as mulheres de um lado e os homens de outro. [...] é no mínimo uma falta de cortesia para com os membros de um grupo único traçar separações de gênero onde elas não deveriam existir.

[...] Além de um atentado ao vernáculo, trata-se, como tentei explicar acima, de uma forma de diminuir a beleza do feminino, de uma confusão entre o gramatical e o real, de um erro que só faz dar a quem o comete um atestado evidente de ignorância da própria língua.

[...]

Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/carlos-ramalhete/todos-e-todas/>. Acesso em 09/02/2021.